

DO LIVRO PARA A TELEVISÃO:
A TRANSPOSIÇÃO AUDIOVISUAL NA OBRA “A VIDA COMO ELA É”,
DE NELSON RODRIGUES.¹

Luiz Fillipe Mariano Siqueira²

Palavras-chave: Literatura. Televisão. Intersemiose. Transmutação Literária.

Introdução

No plano da História da humanidade, a prática de contar e ouvir histórias foi perpetuada por meio da criação e consolidação da Literatura, voltada inicial e prioritariamente a uma pequena parcela de pessoas que possuíam acesso à leitura. Essa configuração se manteve até o início do século XX, momento em que o Cinema (primeiramente), seguido do Rádio e da Televisão, encarregou-se de tal tarefa.

Em detrimento ao amplo poder de comunicação em massa alcançado pela televisão, bem como a consolidação de produções televisivas pautadas em adaptações literárias, este trabalho destina-se à investigação dos procedimentos necessários para a transmutação do texto literário em obras audiovisuais, tentando também promover uma reflexão quanto aos possíveis desafios enfrentados na escrita de roteiros, incitando à curiosidade e a futuras iniciativas do público-alvo leitor (estudantes de Letras, Cinema, Artes Visuais etc.).

Além disso, a presente pesquisa tenta estabelecer uma relação entre a literatura e a esfera audiovisual através da serialização de narrativas, levando em conta alguns aspectos técnico-estéticos envolvidos na temática da intersemiose presente em produções audiovisuais – por exemplo, a transmutação de palavras e/ou intencionalidades em imagens e a uniformização no tempo de apreensão de

¹ Trabalho apresentado como requisito final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob orientação do Prof. Antony Cardoso Bezerra. (Março/2021).

² Graduando em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. E-mail: fillipemariano.edu.dj@gmail.com

informações — justificando a escolha e conseqüente análise da adaptação para a TV de narrativas de *A Vida Como Ela É*, do escritor brasileiro Nelson Rodrigues. Para isso, são comparados trechos, de forma descritiva, de, no máximo, três episódios da obra literária original com as devidas adaptações correspondentes no produto audiovisual em questão, observando nuances que ajudem a exemplificar fatores relevantes durante o processo de transmutação semiótica.

Para tanto, foi realizada uma busca por estudos cuja temática se relacionasse da maneira mais próxima possível à temática abordada, já que tal linha de pesquisa ainda se apresenta em um número relativamente pequeno de ocorrência nos principais bancos de dados acadêmicos. O levantamento conduziu às discussões empreendidas por teóricos da área de tradução intersemiótica, como o pensador russo Roman Jakobson (1969) e o professor-escritor espanhol Julio Plaza (2003), bem como boas considerações de Jorge Furtado (2003), escritor, roteirista e cineasta brasileiro.

Aporte Teórico-Metodológico

De acordo com Poma e Viégas (2009), tanto em trabalhos acadêmicos quanto em livros especializados, são empregados alternadamente os termos adaptação, transposição, transmutação e/ou tradução, fazendo referência à passagem de um texto literário para o meio audiovisual. Nesse sentido, o termo *transmutação* empregado por Jakobson é considerado o que melhor se adequa à passagem de um sistema semiótico a outro, e no tocante a este trabalho, da literatura à televisão e ao cinema. Desse modo, o conceito de *tradução intersemiótica*, segundo Jakobson (1969, p. 72) elucida ao que se traduz “[...] de um sistema de signos para outro, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema, ou a pintura”.

No sistema proposto pelo linguista, considera-se o ato da tradução como *recodificação*, ou seja, não há um transporte de uma língua à outra, e sim o fornecimento de um novo código à mensagem que deve ser transmitida. A partir desse princípio, pode-se traduzir qualquer coisa para qualquer tipo de linguagem, e no caso da tradução intersemiótica de obras literárias para o cinema ou para a

televisão, há a interpretação e adaptação partindo de signos verbais para signos não verbais, tais como música, sons, imagens, gestos etc.

Julio Plaza, por sua vez, reavalia e desenvolve o estudo proposto por Jakobson, procurando formular de maneira mais sistematizada uma teoria da tradução intersemiótica. De acordo com Plaza (2003), a tradução intersemiótica consiste na interpretação de signos entre semelhantes sistemas semióticos, ou mesmo de um sistema para outro, pautando-se na utilização de suportes que possam servir como mediadores (interfaces). Tais estruturas, técnicas e expressivas, são necessárias para que as linguagens se materializem em signos, de fato. Portanto, a interpretação de signos linguísticos por outros não linguísticos significa a própria transmutação através do paralelismo verbal *versus* não verbal.

A tradução intersemiótica da literatura para o cinema ou para a televisão implica na produção de signos a serem interpretados pelos espectadores, originados a partir das experiências individuais e intelectuais, bem como as de senso comum (coletivas), armazenadas na mente do tradutor/intérprete durante o processo de tradução. Assim, os elementos contidos nesse novo texto farão parte de uma nova obra por assim dizer, mesmo contendo elementos (signos) que referenciem a obra original.

Trata-se da experiência real com o original a ser traduzido, o efeito que aquele produz na relação de leitura. Este interpretante é realmente o significado singular do signo original, a maneira pela qual cada mente o recebe e a ele reage. (PLAZA, 2003, p. 35.)

Em outras palavras, mesmo que o autor da obra original e o responsável por sua transposição tenham consciência do real sentido presente ali, a partir do momento em que é oferecida a oportunidade de um novo olhar por parte do público leitor/espectador, a obra já não consegue mais ser a mesma em sua plenitude. Cada observador trará consigo sua própria interpretação, seja de uma passagem (no livro), seja de uma cena (na tela).

Para Jorge Furtado (2003), o tema da transposição literária para a linguagem audiovisual pode ser observado sob alguns pontos de vista técnico-estéticos. O primeiro deles é considerado pelo cineasta como um dos mais evidentes: a linguagem audiovisual, diferentemente da literária, necessita de que todas as informações ali presentes sejam visíveis ou audíveis. Isto é, existem palavras utilizadas na linguagem escrita que possuem um alto teor de dificuldade em serem

transformadas em imagem. Vocábulos como “pensa”, “lembra”, “esquece”, “sente”, “quer” ou “percebe”, normalmente presentes em qualquer obra literária, tornam-se a famosa “pedra no sapato” dos roteiristas, visto que esses só podem escrever o que seja visível ou perceptível por meio da imagem.

Um segundo ponto abordado por Furtado diz respeito à diferença quanto à ordem em que as informações são liberadas para o público (leitor/espectador) na literatura e no cinema/televisão. Comumente durante uma leitura, o autor/escritor escreve da forma que julga ser suficiente para o entendimento, e cabe ao leitor imaginar a própria cena em sua mente através da imaginação. Em uma produção audiovisual, o papel do cineasta/roteirista é justamente fazer o trabalho do leitor, de modo que entregue e/ou responda visualmente às possíveis perguntas surgidas ao longo da leitura; no caso do ambiente audiovisual, adiantar por meio de imagens o que só seria possível de ser conhecido através do folhear de páginas e com a sequência da leitura. Assim, torna-se natural a reação negativa ou o juízo de valor por parte do espectador no momento em que contemple uma produção audiovisual e afirme ter gostado mais do livro.

Um terceiro ponto de vista técnico, sob a ótica de Jorge Furtado, refere-se ao tempo de apreensão das informações. Na literatura, ou mesmo em outros veículos de expressão artística (como a pintura e a música), o leitor/espectador é quem define o próprio ritmo de leitura/contemplação. Até mesmo no teatro, sendo um momento compartilhado com outras pessoas, o ator pode esperar um instante de intervenção do público (aplausos, risadas) para dar seguimento à encenação. Já no cinema, bem como na televisão, o autor da obra audiovisual é quem comanda esse ritmo, pré-definindo tal apreensão. Ou seja, um capítulo de novela, série, minissérie, um curta ou longa metragem, com uma duração de tempo fixa, será contemplado por todos os espectadores nesse mesmo intervalo de tempo, independente do ritmo de entendimento e apreensão das informações para cada receptor.

Discussão e Comentários

Para se entender a relação entre a Literatura e o Meio Audiovisual, é preciso ter em mente a função social a que se destinam. É possível acreditar que a serialização de narrativas, presente não somente na teledramaturgia brasileira como também na mundial, contribui na responsabilidade de levar a conhecimento do

público brasileiro, muitas vezes sem acesso, um grande número de obras literárias e episódios da própria história do país.

Se considerarmos o fato de que toda e qualquer obra destinada a atingir o interesse de um público-alvo específico tende a utilizar os mais diversos artifícios para tal fim, sejam eles o estilo de escrita, a criação e inserção das mais variadas personagens, bem como a idealização e materialização de enredos e tramas inimagináveis, a serialização de histórias constitui um dos aspectos mais marcantes presente nas narrativas veiculadas através da televisão.

Ao longo das últimas décadas, a TV Globo, fundada por Roberto Marinho em 1965, tem fornecido a uma boa parcela de telespectadores doses diárias de informação, entretenimento e cultura através de suas telenovelas, o carro-chefe da emissora, mas também por meio de suas séries e minisséries, muitas delas baseadas em obras consagradas de grandes nomes da literatura nacional e internacional. Dentre as muitas adaptações que compuseram a grade da emissora ao longo do tempo, o autor Nelson Rodrigues é um dos contemplados nesse processo de transposição literária para a televisão.

Nelson Falcão Rodrigues nasceu em Recife, PE, aos 23 de agosto de 1912; e morreu no Rio de Janeiro (RJ), em 21 de dezembro de 1980. Com cinco anos de idade, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro devido a problemas políticos enfrentados por seu pai, deputado e jornalista. A realidade da Zona Norte carioca (que abrigou a família naquele momento) em contato com a imaginação fértil do então menino Nelson, repleta de situações variáveis envolvendo tensões morais e sociais, serviu de inspiração para o futuro grande escritor construir personagens memoráveis e todo o lirismo trágico que habitaria as páginas de suas histórias.

Em 1996, Nelson Rodrigues foi contemplado com uma de suas obras adaptada para o formato televisivo. A série *A Vida Como Ela É* foi transmitida originalmente pela TV Globo de 31 de março a 29 de dezembro do referido ano, como um quadro do programa semanal de variedades *Fantástico*, aos domingos à noite. Com adaptação de Euclides Marinho e direção de Daniel Filho, o nome da série faz referência direta à coluna de textos da qual Nelson Rodrigues era responsável no Jornal *Última Hora* desde 1951.

Ao longo de seus 40 episódios, a série roteiriza e transforma em imagens um pouco do conteúdo presente na coletânea *A Vida Como Ela É...*, organizada pelo

próprio autor no início dos anos 60. Sendo consideradas como crônicas, devido ao fato de representarem situações vivenciadas por boa parte dos cidadãos da época, as narrativas não aparentam um teor de “notícia” tipicamente da esfera jornalística, mesmo que grande parte dos enredos presentes nos cem textos se assemelhe ao noticiário policial. Tal fato confere a elas certa ambiguidade de gênero, o que propicia uma análise mais voltada ao título de contos.

As narrativas abordam temas como o amor, o casamento, o adultério, certos crimes e a morte em diferentes momentos da vida e situações mais adversas, através de linguagem simples e direta, característica essa “emprestada” dos textos jornalísticos. Os eventos descritos ao longo das narrativas transformam experiências do cotidiano em situações extraordinárias (e por vezes, fantásticas), como que numa tentativa de conscientização do público leitor para os mais diversos pontos de vista, propondo uma crítica à realidade e à sociedade da época (sem deixar de ser atemporal) através da observação do inusitado.

No decorrer do processo de desenvolvimento deste trabalho, foram analisados três episódios da série televisiva *A Vida Como Ela É* (TV Globo, 1996): “O Pediatra”, “O Fruto do Amor” e “Noiva da Morte”. Comparando-se tais episódios com os respectivos textos originais, presentes na obra literária de Nelson Rodrigues, pôde-se observar que dois deles – “O Pediatra” e “O Fruto do Amor” – utilizam trechos (a fala de certos personagens) do texto original, sem alterações ou adaptações bruscas. Apenas em “Noiva da Morte”, cujo título foi alterado para “Delicado” na série Global, percebe-se uma maior discrepância do texto roteirizado e adaptado em relação à obra original.

Todos os três episódios analisados, bem como os demais episódios que integram a obra audiovisual em questão, possuem uma média de dez minutos de duração, condensando as principais informações presentes no texto literário. De forma equivalente, os enredos dos episódios na adaptação televisiva seguem um fluxo natural e lógico quanto aos acontecimentos em cada história.

No livro, os contos/as crônicas possuem certa “divisão” de momentos, como se organizassem os eventos em blocos narrativos, construindo um encadeamento de ações. Tal característica foi transposta para a adaptação audiovisual da obra: em um primeiro momento, apresentam-se ao público as personagens principais; em um segundo momento é fornecido alguma situação chave a ser explorada, e em um

terceiro momento tem-se a solução e/ou o fechamento da história, quase sempre de uma forma inusitada, que prende o telespectador com a curiosidade em desvendar aquele determinado mistério.

Em alguns casos, como em “O Pediatra”, o roteiro foi adaptado de forma que houve a alteração da ordem de certos acontecimentos se comparado com a obra escrita. Originalmente, na obra literária, uma conversa entre Meireles e seus companheiros de trabalho num escritório, revelando que sua amada Ieda, mulher casada com um pediatra, havia aceitado seu convite para um encontro de amor antecede a apresentação, de fato, de quem era o Meireles e quais as suas intenções com a Senhora Ieda. Na série de tevê, primeiro é apresentado o personagem do Meireles, funcionário de uma repartição e bastante mulherengo, com fixação por mulheres “sérias” (comprometidas), para então revelar ao público o seu envolvimento com Ieda e o seu plano de arranjar um local para o futuro encontro.

É possível observar também que na obra transmutada há a presença (a voz) de um narrador-observador conduzindo a história, que se apossa de partes do texto literário e contribui no andamento da história, por vezes fornecendo informações importantes da vida das personagens e introduzindo os blocos narrativos durante os episódios. As cenas de Moema e Abigail, amigas quase irmãs que acabam se interessando por um mesmo homem em “O Fruto do Amor”, são compartilhadas com uma voz narrativa que, em certos momentos, antecipa os pensamentos das personagens – transformando em visível e audível (fornecendo imagem e som) as palavras consideradas como difíceis durante o processo de transposição -, cabendo às mesmas a confirmação do que fora apresentado pelo narrador. Desse modo, as falas das personagens são mais “enxutas” no produto audiovisual, alterando orações e períodos mais extensos por diálogos menores e mais objetivos, indo direto ao ponto e contribuindo também na adequação ao tempo de duração das histórias.

Tanto em “O Pediatra” quanto em “O Fruto do Amor”, a adaptação televisiva conservou os nomes das personagens de forma fiel ao texto original. Mas isso não ocorre em todos os episódios. O caso particular de “Noiva da Morte”/“Delicado” chama atenção pelo fato de haver não somente a alteração dos nomes das personagens como também a omissão e mudança de acontecimentos observados no livro.

A história de Alipinho (Euzebiozinho na série), rapaz de trejeitos delicados e criado em meio a um lar predominantemente feminino (mãe e irmãs), alcança novos rumos com a imposição de seu tio em arranjar o sobrinho em matrimônio com a jovem Marta (que na série é conhecida por Mariana), a contragosto do jovem. Um fato curioso desse episódio é a omissão de eventos da série, através de cenas, mas que estão presentes na obra original. Como, por exemplo, a figura autoritária do pai, que desde cedo percebe a superproteção das mulheres da casa para com o filho, e sua conseqüente morte, o que contribui para o aparecimento de um tio (que por sua vez representa a figura de um Doutor, no livro, responsável pela saúde do patriarca da família) e a proposta de um futuro casamento.

O ápice desse episódio culmina com o suicídio do personagem principal, vestido de noiva e sendo encontrado suspenso em uma escadaria da casa. Esse momento foi alterado em relação à obra original, já que no livro Alipinho (Euzebiozinho) se enforca dentro do banheiro.

Diante dos detalhes apresentados anteriormente, talvez seja possível observar e levar a crer que a produção audiovisual resultante da transposição literária da obra original em destaque possa assumir a categoria de “livremente inspirada”.

Conclusão

Por meio dos pontos elucidados anteriormente, junto às considerações de especialistas da área estudada, se faz importante afirmar que este trabalho não busca solucionar de forma imediata as questões que envolvam o processo de adaptação literária para o ambiente audiovisual, e mais especificamente, o televisivo. Torna-se mais uma contribuição com potencial para inspirar outros admiradores e estudiosos no ramo da semiótica em desvendar o que há por trás de tais produções tão presentes em nosso cotidiano como telespectadores e leitores.

Além disso, é possível observar que, comumente, a adaptação de obras literárias para o cinema e/ou a televisão conseguem a proeza de alavancar as vendas de livros em formato físico, e nos dias atuais também põem em alta as cópias digitais. Não se tem com precisão a confirmação se há a leitura efetiva, mas

o fato de haverem pessoas interessadas pela busca e compra desse tipo de material já é algo importante. Dessa forma, o incentivo à leitura justifica tais adaptações.

Referências

BIOGRAFIA de Nelson Rodrigues. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/nelson-rodrigues/biografia-de-nelson-rodrigues/>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

FURTADO, J. **A Adaptação Literária Para Cinema e Televisão**. Por Jorge Furtado. Palestra na 10ª Jornada Nacional de Literatura, Passo Fundo – RS. 2003. Disponível em: <<http://www.casacinepoa.com.br/as-conexões/textos-sobre-cinema/adaptação-literária-para-cinema-e-televisão>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: _____. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.

PLAZA, J. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

POMA, L. F.; VIÉGAS, R. F. **As Minisséries na TV Globo: Da Literatura à Televisão**. Pesquisa em Debate. Ed. especial. 2009. Disponível em: <www.pesquisaemdebate.net>. Acesso em: 22 fev. 2021.

RODRIGUES, N. **A vida como ela é... / Nelson Rodrigues**. – [Ed. especial]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

A VIDA como ela é... In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra7092/a-vida-como-ela-e>>. Acesso em: 25 fev. 2021. Verbete da Enciclopédia.

Vídeo

CANAL FIEL VHS. Rede Globo – Programa ‘A vida como ela é, o pediatra’. 1 vídeo (9 min). Disponível em: [https:// https://www.youtube.com/watch?v=bNCUCoiQtaw](https://www.youtube.com/watch?v=bNCUCoiQtaw). Acesso em: 25 fev. 2021.

Elli Raviv. Fruto do Amor – A Vida Como Ela É... 1 vídeo (7 min). Disponível em: [https:// https://www.youtube.com/watch?v=1EA9Xk1imlg](https://www.youtube.com/watch?v=1EA9Xk1imlg). Acesso em: 25 fev. 2021.

Rei Rossi. Nelson Rodrigues – A Vida Como Ela É – DELICADO (720p HQ). 1 vídeo (8 min). Disponível em: [https:// https://www.youtube.com/watch?v=oKrzJuOAW6l&t=73s](https://www.youtube.com/watch?v=oKrzJuOAW6l&t=73s). Acesso em: 25 fev. 2021.